

A experimentação no ensino de química para alunos surdos.

Sinval Fernandes de Sousa^{1*} (IC), Matheus Rocha da Costa² (IC), Hélder Eterno da Silveira³ (PQ).
sinvaldaquimica@yahoo.com.br

^{1,2,3} Instituto de química - Universidade Federal de Uberlândia

Palavras-Chave: Experimentação, ensino de química, surdos.

Introdução e Metodologia

O objetivo deste trabalho é apresentar relatos sobre a experimentação em química para um grupo de alunos surdos na cidade de Uberlândia (MG) e verificar como esses alunos interagem com a atividade experimental para produção textual das interpretações.

O trabalho foi realizado na Universidade Federal de Uberlândia, em uma turma contendo oito alunos surdos, oriundos de escolas da educação básica. Abordamos as seguintes atividades experimentais: teste de chama, uso de indicadores, reação de decomposição, estudo da pressão e titulação. Fizemos registro em caderno de campo, fotografias e filmagem das aulas, visando perceber como os alunos surdos interpretavam textualmente os resultados e discussão do experimento. Para facilitar a comunicação com os alunos, fizemos curso de Libras (Língua Brasileira de Sinais) promovido pelo CEPAE, e, também, contamos com auxílio nas aulas de química, de intérprete.

Resultados e Discussão

Nas aulas experimentais utilizamos de materiais alternativos encontrados em farmácias e supermercados (repolho roxo, desengordurante, leite, entre outros) visando aproximar a atividade do cotidiano do aluno. Porém, verificamos que um dos problemas na atividade é a falta de sinais que indicassem termos específicos químicos e palavras utilizadas por essa ciência, como indicador ácido-base, pressão, volume, pipeta, dentre outras, e, também pela pouca base que os alunos possuíam da realização de atividades experimentais. Apesar disso, houve um grande envolvimento e interação dos surdos na produção de sentidos para os conceitos da química, uma vez que foram motivados a propor explicações para as observações experimentais. Outras dificuldades percebidas iam ao encontro da falta de saberes relacionados à interação com os surdos e à interpretação de alguns conceitos relacionados ao conhecimento químico. Para minimizar esta situação contamos, com a participação de uma intérprete, o da Libras-

Português. Verificamos que a produção textual dos surdos ocorreu mediante vários processos interativos em que o saber químico era produzido de acordo com os sentidos construídos na negociação dos surdos com o professor e intérprete. Tais produções textuais deslocam-se da lógica textual dos ouvintes uma vez que os surdos não utilizam de artigos e conectores. Também, as palavras no texto adquiriam significado mais amplo, como, por exemplo: ferver-efervescer-efervescência; cor-indicador e espaço-volume-pressão. Verificamos que a interação dos alunos em torno das explicações e interpretações dos experimentos levaram-nos a produzir sinais de terminologias químicas, enriquecendo o vocabulário de verbetes dos surdos.

Conclusões

O ensino de química para surdos via língua de sinais, possui suas dificuldades principalmente no que tange à simbologia química e a falta de base do conteúdo por parte dos discentes, porém com as aulas experimentais observou-se que a negociação de sentidos no entendimento do experimento facilitou a compreensão da química e intensificou interações dos sujeitos do processo: professor-aluno-intérprete. Também, a atividade experimental colaborou na produção de sinais para utilização dos surdos, o que, conseqüentemente, aumentou seu espectro de sinais ligados ao conhecimento científico.

Agradecimentos

À Fundação de Apoio à Pesquisa de Minas Gerais.

QUIMICA NOVA NA ESCOLA: Experiências lácteas, nº 6. Novembro, 1997.

QUIMICA NOVA NA ESCOLA: A natureza pedagógica da experimentação: uma pesquisa na licenciatura em química, nº 2. Março/Abril, 2004.

Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira, Volume I e II: Sinais de A à Z/ Fernando César Capovilla, Walkiria Duarte Raphael (editores); [ilustrações Silvana Marques]. – 2ª ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.